

DEZ POEMAS URUGUAIOS

Tradução Beethoven Alvarez (2019)

NAUSÍCAA A ULISSES

(Martha Canfield)

Como porto havia em teu rumo o nada cada vez mais
exasperante e cada vez mais inevitável meus abraços te
conduzem como em um sonho calmo do primeiro amanhecer
até a remota praia onde uma vez foi possível crer que
um dia havia de chegar o paraíso e é a luz rosada que
se apresenta e é a brisa lenta das palmeiras e a fadiga da
noite sobre o vento e o sorriso triste que vaga pelas
mãos agora quietas e é o silêncio porque tua viagem haverá
de continuar nós sabemos e as palavras de adeus não
conseguiriam te dizer a ruína do castelo o tempo enfermo ou
a queda no solo do pássaro golpeado em pleno voo assim que
neste último beijo declaro que renunciei ao canto
e te deixo partir olhando-me os braços pesadíssimos com
tudo o que em outra história deveria ter sido
lindamente teu se o narrador quisesse e me despeço
aqui da praia vejo a tua nave que se vai para longe e só peço a
clemência do sonho para a noite que virá e a frescura
da terra na desesperadora nostalgia que já começa.

CULTURA DO PALIMPSESTO

(Amanda Berenguer)

Tudo aqui é palimpsesto,
paixão de palimpsesto:

à deriva,
 apagar o pouco feito,
começar do nada,
confirmar a deriva,
olhar-se entre o nada acrescentado,
velar o venenoso,
matar o saudável.
escrever delirantes histórias para náufragos.

Cuidado:
não se perde sem castigo o passado,
não se pisa no ar.

O TEMPO
(Jorge Meretta)

se torna em seu relógio de pó
agulhas enlouquecidas que não atinam
o número
igual
a essa menina que deixou sua sombra
estendida
sobre a terra para cobrir o mundo

soletra
num charco de pássaros
sílabas de chuva

e é
a sorte de um corpo partido em gotas
que ninguém junta

HOMEM A ESPERA
(Saúl Ibargoyen)

O homem se deita
com suas palavras mudas
subindo-lhe pela boca.
Há medo nessas palavras
medo nessa língua
medo nos ombros se enterrando
na vaziez dos lençóis
medo no corpo que não encontra
agora a suave sombra carnal
que o sustente
medo nos relógios
que se gastam
medo no grito que somente
as orelhas do homem
podem escutar.
O homem espera com seus ossos somente
e um silêncio muito escuro
flui sem pressa
por todos os telefones.

OS COGUMELOS NASCEM EM SILÊNCIO
(Marosa di Giorgio)

Os cogumelos nascem em silêncio; alguns nascem em silêncio;
outros com um breve alarido, um leve trovão. Uns são brancos, outros vermelhos, esse é
cinza e parece uma pomba,
a estátua duma pomba; outros são amarelos ou roxos.
Cada um traz -- e isso é terrível -- a inicial do corpo morto de onde procede. Eu não me
atrevo a comê-los; essa carne
levíssima é nossa parente.
Mas aparece toda tarde um comprador de cogumelos e
começa o corte. Minha mãe dá a permissão. Ele escolhe como uma águia. Esse branco
como açúcar, um vermelho, um cinza.
Mamãe não se dá conta de que vende sua raça.

A ARTE NUNCA É A VERDADE
(Eduardo Milán)

A arte nunca é a verdade
mas há momentos, há momentos tão ausentes
como este, em que a verdade é uma forma de arte,
uma mina, um trovar, El Dorado. Um encontra,
dois reconhecem, três cantam em trio -- o trinar --,
quatro cantam em coro. E assim, um si de vez quando,
se descobre o momento. Quando o momento se descobre
é quase um feito. Neste momento um feito é quase um milagre
porque a verdade é uma forma de arte, é o mistério
presente ao qual ninguém se atreve. Por causa da melodia
parece que canta mas é um conceito,
o conceito-rouxinol.

PLENILÚNIO
(Cristina Peri Rossi)

Por cada mulher
que morre em ti
majestosa
digna
violeta
uma mulher
nasce em plenilúnio
para os prazeres solitários
da imaginação tradutora.

ORAÇÃO
(Cristina Peri Rossi)

Livra-nos, Senhor,
de encontrarmos
anos depois
com nossos grandes amores.

AS PALAVRAS SÃO ESPECTROS
(Cristina Peri Rossi)

As palavras são espectros
pedras abracadabras
que rompem os lacres
da memória antiga

E os poetas celebram a festa
da linguagem
sob o peso da invocação

Os poetas inflamam as fogueiras
que iluminam os eternos rostos
dos velhos ídolos

Quando os lacres se rompem
o homem descobre
as pegadas de seus antepassados

O futuro é a sombra do passado
nas labaredas vermelhas do fogo
vindo de longe,
não se sabe de onde.

VAMOS JUNTOS
(Mario Benedetti)

Contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro

companheiro te desvela
a mesma sorte que a mim

prometeste e prometi
acender esta vela

contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro

a morte mata e escuta
a vida vem após
a unidade que serve a nós
é a que nos une em luta

contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro

a história tange sonora
sua lição como um sino
para gozar o que vem vindo
há que se lutar agora

contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro

já não somos inocentes
nem no bem nem no mal
cada qual na sua faina
porque nisto não há suplentes

contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro

alguns cantam vitória
porque o povo paga vidas
mas essas mortes queridas
vão escrevendo a história

contigo posso comigo quero
vamos juntos companheiro.
